



## TEXTOS & DEBATES

Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira (PPGSOF) e do Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

# Notas iniciais sobre a História da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

---

**John Keith Gaskin Briglia**

<https://orcid.org/0000-0003-0089-7957>

Acadêmico de História pela Universidade Federal de Roraima (CHIS/UFRR)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Anne Lima de Assis (CHIS/UFRR)

<http://lattes.cnpq.br/9005584224265424>

JohnBriglia2@gmail.com

Quando se ouve o termo Segunda Guerra Mundial (1939-1945) logo nos é remetido os embates militares, políticos e suas consequências. Muito disso se deve aos efeitos das produções cine e historiográficas acerca do conflito. Entretanto, o que por vezes não se tem em mente é que a guerra foi produzida por humanos, sendo assim pode ser vista através desse aspecto. Exemplo disso é o livro *Segunda Guerra Mundial*, publicado em 2022 pela editora Contexto.

A obra escrita pelo historiador brasileiro Francisco Ferraz, enfoca justamente nas experiências humanas, bem como uma introdução geral em torno da Segunda Guerra. O autor, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, possui 08 livros publicados. Vale ressaltar que parte dessa produção se destina ao estudo da história estadunidense, à história do Brasil, história militar, e ainda a história contemporânea e da Segunda Guerra Mundial. Publicações como *Brasil e Segunda Guerra Mundial* (2004), *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial* (2005), *A guerra que não acabou* (2012), *Brazilian-American Joint Operations in World War II* (2013), *Los veteranos da Segunda Guerra Mundial y la sociedade estadounidense* (2015) e *Brazil at War* (2021) elucidam a proximidade de Ferraz com a temática.

*Segunda Guerra Mundial* conta com 176 páginas e algumas ilustrações. São 16 ilustrações, mapas e fotografias distribuídas nas seis partes em que se divide a obra: “Como chegamos a este ponto?”, “Uma guerra europeia”, “O mundo em guerra”, “A virada”, “A difícil vitória aliada” e “Precisamos falar sobre extermínio”. As imagens são de excelente qualidade, em preto e branco, acompanhadas de uma sucinta legenda, registrando local e data.

Enquanto os mapas indicam regiões e movimentações de tropas de uma maneira ilustrativa, as fotografias são utilizadas como instrumento de evidência dos estragos e danos causados por esses embates bélicos. Entretanto, apesar de chocantes, as imagens obedecem a um padrão, uma vez que são pós postas ao fato descrito por Ferraz.

Além de apresentar experiências vivenciadas por sete pessoas de sete nacionalidades diferentes, Ferraz faz uma síntese aos acontecimentos destacados de 1937 a 1945. Dessa forma, são abordados temas conhecidos como as causas, à ascensão nazista na Alemanha (1933), o início da guerra na Europa (1939), mas também mencionando alguns menos difundidos como o espião Richard Sorge, as mulheres soviéticas em combate e até mesmo a Operação Bragation.



Na primeira parte do livro intitulada “Como chegamos a este ponto?”, o autor adota e discorre acerca da ideia de uma guerra com dois inícios. Se em 1939, dar-se início a Segunda Guerra na Europa, esta, tem suas motivações ligadas as arestas deixadas pela Primeira (1914-1918), bem como as crises políticas, econômicas e a instabilidade social instaurada na Europa pelo pós-guerra. Fatores esses que contribuíram para o fortalecimento e difusão de ideais extremistas, como os propostos pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o Partido Nazista. Nesse sentido, o autor evidencia como o cenário internacional, ao tentar garantir a paz mundial, subjogou o povo alemão na medida em que também possibilitou a ascensão destes enquanto ufanistas e pangermanistas. Nesse contexto, a máquina de guerra alemã se formou e conquistou vizinhos próximos.

Na segunda parte, “Uma guerra europeia”, o autor apresenta as primeiras movimentações, operações e batalhas travadas na Europa. Embora inimigos, nazistas e soviéticos acordam secretamente o Pacto Molotov-Ribbentrop privilegiando uma neutralidade entre as potências e a partilha da Polônia, a ser dominada nos próximos eventos. No primeiro dia de setembro de 1939, os alemães cruzam as fronteiras polacas e iniciam a tomada do país que sucumbira aos germânicos no mesmo mês. Na frente oriental, o Exército Vermelho se encarregara de dominar e estabelecer novas fronteiras para a União Soviética. Sem o apoio necessário para uma contraofensiva de libertação e com a divisão de seu território em duas frentes, o povo polonês presenciou o programa de limpeza étnica nazista ao mesmo tempo em que à leste sofria com os massacres soviéticos.

É interessante perceber, como descreve Ferraz, que diferentemente do que ocorreu na Polônia, o combate no deserto africano foi mais “limpo” quando observado o caráter ético, sem a presença de extermínios de prisioneiros ou bombardeios a cidades. Nessa linha, Ferraz versa acerca da campanha italiana nos Balcãs e no deserto da África Setentrional, assim como os suscetíveis fracassos cometidos. O autor analisa que apesar das derrotas, o senso comum, aliado a cultura cinematográfica, colaborou para a criação da representação do exército italiano como “brancaleônico” e sem objetivos. Aponta também que um dos principais fatores para o desastre que ocorrera com os italianos foi a diferença material e organizacional, cobrado fatalmente.

Nessa linha, o autor desmistifica o tão propagado “general inverno”, pois mesmo tendo sua contribuição, o problema alemão ia além das baixas temperaturas. Nos últimos



avanços nazistas na frente leste, ficou claro que a Alemanha não dispunha de um plano efetivo logístico para a manutenção e avanço de suas tropas. Nesse sentido, para além do inverno, o principal inimigo alemão estava a sua frente, o soldado soviético, resistente, revigorado e pronto para a contraofensiva.

Outro ponto versado por Ferraz é a observação cultural japonesa frente aos estadunidenses, vistos como hedonistas e com pouco espírito de luta, bem como a continuidade das barbáries cometidas aos prisioneiros de guerra. Se por um lado o espírito japonês era guerreiro, contra seus vencidos ele era carrasco. Assim como a Alemanha nazista, o Império Japonês cometeu inúmeros abusos, torturas, execuções dentro outros crimes de guerras. Com isso, Ferraz chama a atenção para o fato de que as atrocidades da guerra perpassam lados defendidos.

Na quarta parte, “A virada”, o autor cita as principais operações no avanço das linhas aliadas. Dessa maneira, Ferraz destaca a importância do espião da União Soviética, Sorge, fundamental para a defesa de Stalingrado. Naquele momento a queda da cidade não era tão importante no aspecto estratégico, mas na sua simbologia em torno da figura de Stalin, uma vez que um possível ataque japonês à União Soviética poderia ser feito caso uma cidade importante as margens do rio Volga fosse capturada. Para mais, o autor também alude o papel da espionagem no caso da batalha pelo Kursk, onde o espião, alemão antinazista, Rudolf Roessler passara detalhes do plano e as unidades empregadas no ataque alemão. Situações essas de extrema importância para o andar da guerra e que contribuíram bastante para o avanço soviético à Berlim.

Desse modo, em “A difícil vitória aliada” o autor, inicia, descrevendo o que hoje seriam inúmeros crimes de guerra, como ataques indiscriminados a população civil e o uso de armas proibidas por britânicos e estadunidenses contra cidades alemãs, mas contribuindo para a futura rendição germânica. Na mesma medida, revela-se ao mundo os campos de extermínio nazista e o avanço esmagador do Exército Vermelho que provocara uma série de atrocidades aos civis alemães, como forma de vingança pelas atrocidades provocadas aos eslavos soviéticos. Nessa linha, com o suicídio de Hitler e a rendição oficial do Terceiro Reich, a Alemanha deixava a Segunda Guerra Mundial. Assim como em outras situações descritas, Ferraz busca evidenciar que as atrocidades e barbáries de guerra não tem um lado bom ou ruim.



No Japão, primeiro a entrar na Segunda Guerra, caminhava para ser o último a render-se. Ferraz alude as relações de poder estabelecidas nas Conferências durante a guerra e o pensamento pós-Guerra, questionando as motivações e necessidades da utilização das bombas atômicas despejadas em Hiroshima e Nagasaki. Analisando que a utilização de dessas, para além do caráter beligerante e de poupança de vidas americanas, é uma demonstração de poder norte-americano à nova conjuntura global que se seguira na Guerra Fria.

Por fim, no último capítulo do livro, “Precisamos falar sobre extermínio”, o autor traça um panorama dos extermínios e das condições de naturalização moral que se construiu para a execução deste plano. Ferraz adverte que tal naturalização ocorreu não com o início da guerra, mas sistematicamente ao longo de décadas, e que mesmo em instituições ou estados que não viam com naturalidade essa aversão, pouco ou nada fizeram. Em últimas palavras, Ferraz alerta acerca da existência dos neofascismos globais e propõe o “combate pelo bom combate”, uma clara referência ao conhecimento.

O livro, *Segunda Guerra Mundial*, destina-se a estudantes, apaixonados e profissionais da história e a guerra. A narrativa descrita é de fácil compreensão e objetiva, inserindo o leitor a cada ponto geograficamente localizado. O autor tem como característica apresentar um balanço de guerra, descrito quase que sistematicamente após as batalhas abordadas, trazendo ao leitor um panorama do quantitativo de tropas utilizadas, artilharias, aviões, bombardeiros, navios, submarinos, porta-aviões, baixas, feridos, civis e prisioneiros. Destacando ainda, para além dos combates militares, o caráter de guerra que envolve logística, mobilização, opinião e esforço de toda a conjuntura civil-militar.

Os relatos que permeiam o início do texto perpassam a ideia do real, para além do “estudar história”, evidenciando o caráter vívido da guerra. Ao término de cada capítulo, ou subcapítulo, o autor sugere referências bibliográficas e cinematográficas, possibilitando uma maior imersão dentro da temática. Assim, tendo em vista todas as características elencadas por Ferraz, este, produz uma obra coerente e atrativa para quem se interessa pelas nuances da Segunda Guerra Mundial.



*Referencia Bibliográfica*

FERRAZ, Francisco Cesar. *Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2022. 176 p.

Resenha submetida em 02/04/2022, aceita em 29/04/2022 e publicado em 10/06/2022.

---

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.28, n.01, e7969, Jan./Jul. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v28i01.7969>

<https://revista.ufrr.br/textosedebates/>

ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).